**A POSSE DE DEUS COMO FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO**

 José Elias do Nascimento[[1]](#footnote-1)

*"A felicidade é um princípio; é para alcançá-la que realizamos todos os outros atos; ela é exatamente o gênio de nossas motivações."[[2]](#footnote-2)*

**Resumo:**

Este artigo aborda uma visão de felicidade nas obras de Santo Agostinho: A vida feliz, A trindade e Confissões. Abordando, a perspectiva de que todos nós queremos alcançar o estado de felicidade.

Inicialmente, partimos do conceito geral de felicidade a partir das discurssões dos antigos gregos, que culminou com o aperfeiçoamento da noção de *eudaimonía*, que é a realização de tudo o que é desejado e buscado. E essa realização – felicidade – para Agostinho só é possível com a posse de Deus.

Ao longo do trabalho abordamos alguns pontos essenciais para a busca de uma felicidade: a busca da sabedoria, a busca da verdade, a recordação da alegria, que seriam alcançadas “por” e “em” Deus.

**Palavras-chaves:** *eudaimonía,* felicidade, sabedoria, verdade, alegria, posse de Deus.

**Introdução**

O presente artigo visa discutir o que é a felicidade e como essa é apresentada na visão de Santo Agostinho, de forma específica nas obras: A Vida Feliz, A Trindade e Confissões.

 Partimos do pressuposto de que estaremos aqui a discutir a respeito de um desejo comum a todos os homens[[3]](#footnote-3). Uma questão amplamente discutida na filosofia desde os gregos até os tempos atuais, a realização, a *eudaimonía[[4]](#footnote-4)* é desejada constantemente e os que a buscam, procuram-na como um grande tesouro e há uma grande especulação quanto aos meios para alcançá-la.

 O que é ser feliz? Que meios utilizar para chegar a felicidade? Quais predisposições precisamos ter para pôr-nos a caminho da realização? O que nos falta para sermos felizes? São interrogações que nos vem a partir da literatura agostiniana, mas que remonta a correntes fundantes da filosofia, como já falávamos dos gregos no seu conceito de *eudaimonía*.

 Talvez não tragamos aqui resposta alguma quanto ao fato de encontrar a felicidade, mas se estamos a buscá-la é porque recordamos de havê-la experimentado[[5]](#footnote-5). E como início deste artigo perguntamo-nos: o que é a felicidade?

**O que é a Felicidade?**

Os filósofos gregos sobretudo a partir de Sócrates, apresentam a felicidade como *eudaimonía*, que quer dizer realização. Os pré-socráticos já haviam interiorizado esse conceito de felicidade e o relacionavam com a moral. Partindo disso podemos dizer que Sócrates no seu conceito de *psyché* tinha a felicidade como fruto da vivência da justiça na alma.

 Bem semelhante ao pensamento socrático de felicidade é o pensamento estóico. O estoicismo foi fundado por Zenão, e teve como principais representantes na Roma do século I d.C.: Epícteto, Sêneca e o Imperador Marco Aurélio[[6]](#footnote-6). Para a doutrina estóica a prática das virtudes da alma é o que traz a felicidade.

 A doutrina epicurista, uma das três correntes que constituem a filosofia helenística, fundada por Epicuro[[7]](#footnote-7), aponta a fruição dos prazeres do corpo como meio eficaz na busca pela felicidade. Nesse ponto, percebemos o grande paradoxo que há entre o epicurismo e as demais correntes filosóficas no que diz respeito ao conceito de felicidade, enquanto para uns a felicidade está no exercício das virtudes, para estes ela está na fruição dos prazeres.

 Aristóteles, já havia distinguido a felicidade da virtude: a felicidade é o fim último do homem, e a virtude, o meio de consegui-la[[8]](#footnote-8).

 Relacionamos esse pensamento aristotélico de felicidade como fim último do homem com Agostinho que nos diz que a felicidade só é possível na eternidade. Já para Sócrates e para os estóicos a felicidade já pode alcançada agora, por meio da razão, na prática das virtudes.

 Após termos apresentado alguns pressupostos do que seria felicidade para o pensamento grego, partimos para um grande nome da patrística medieval, Agostinho de Hipona, inicialmente partiremos da obra A Vida Feliz.

**A Felicidade na obra A vida Feliz.**

Essa obra é fruto de um diálogo ocorrido em 13 de Novembro de 386, data do aniversário natalício de Agostinho. Neste diálogo estiveram presentes alguns de seus amigos e discípulos, assim como a sua mãe Mônica e o seu filho Adeodato.

 A discurssão do primeiro dia do diálogo dá-se em torno do problema da felicidade. Eles iniciam constatando que possuem corpo e alma e que ambos necessitam de alimento e, que o alimento da alma não seja outro a não ser o conhecimento das coisas e a ciência[[9]](#footnote-9). Tomando como fundamento que o conhecimento das coisas é o alimento da alma Agostinho convida os seus convidados ao banquete e os interroga a respeito da possibilidade de ser feliz sem possuir o que se deseja. Sua mãe afirma que só pode ser feliz aquele que deseja e possui o que é bom, caso o contrário será infeliz[[10]](#footnote-10).

 Ser feliz não é só o caso de possuir o que se deseja, mas de desejar e possuir o que é bom. Também não é somente o caso de desejar e possuir o que é bom. Em um dado momento os comensais do banquete discutem sobre a infelicidade que há na preocupação de possuir bens passageiros e chegam a seguinte conclusão:

“Por conseguinte , estamos convencidos de que, se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente que não lhe possa ser retirado em algum revés de sorte”. (AGOSTINHO. 1998, p. 130).

Diante da inquietação sobre esse bem eterno e imutável, todos chegam a conclusão que a felicidade se dá na posse de Deus. Logo, quem possui a Deus é feliz[[11]](#footnote-11).

No segundo dia do diálogo no banquete do conhecimento os comensais concluem que a infelicidade é um estado de carência e no terceiro dia continuam a discurssão com esse mesmo pensamento. Vejamos o que nos diz Agostinho:

“Dissemos hoje, no início de nosso colóquio que se julgássemos ser a infelicidade nada além da carência, concordaríamos em declarar que o homem feliz seria aquele a quem nada falta. Foi isso o que estabelecemos. Portanto, ser feliz não é outra coisa do que não padecer necessidades, e isso é ser sábio”. (AGOSTINHO. 1998, p. 154).

Para Agostinho o Sábio é aquele que possui a justa medida e que é preciso ser sábio para ser feliz. Ele nos diz que a sabedoria é o filho de Deus e por isso é feliz quem possui a Deus[[12]](#footnote-12) e que essa felicidade se dá na relação de comunhão com a Trindade[[13]](#footnote-13).

**A Felicidade na obra A Trindade**

Essa obra foi escrita entre os anos 400 e 416 d.C. Costitui-se um tratado teológico e filosófico. Entre tantos assuntos que Santo Agostinho expõe nessa obra, é de fundamental relevância o mistério do Deus Uno e Trino. No presente trabalho nos deteremos sobre o tema da felicidade, que na obra A Trindade se encontra no livro XIII a partir do capítulo 4 até o capítulo 8.

 Já dissemos que a felicidade é um bem desejado por todos os homens[[14]](#footnote-14), ou seja, segundo Agostinho há uma unidade nesse desejo e, no entanto, uma variedade na forma de buscá-lo e de pô-lo em prática[[15]](#footnote-15). Uns dizem que a felicidade consiste nos prazeres do corpo, enquanto outros afirmam que a felicidade consiste em possuir os bens da alma[[16]](#footnote-16). Diante dessa questão Agostinho chega a conclusão que embora o desejo seja único, poucos querem viver como se convém para alcançar a felicidade[[17]](#footnote-17).

 Na variedade de formas que consistem a busca da felicidade, Agostinho retoma na presente obra o que já havia exposto na vida feliz, ele diz que não é feliz, senão aquele que possui tudo o que quer e nada quer que seja mal[[18]](#footnote-18).

 Na presente obra parece-nos ser possível gozar de certa felicidade no fato de usufruir-mos os bens passageiros, isso é um tanto contraditório quando lembramos que na obra “A vida feliz” ele expôs que a felicidade consiste na posse de um bem permanente. Mas vejamos o que nos diz Agostinho:

“Ora, esses bens que podem existir nesta mísera vida, a vontade os persegue com prudência, temperança, fortaleza e espírito de justiça interiores e, na medida do possível, alcança-os. E graças a esses valores, mesmo no meio dos males, poderá ser feliz e o será plenamente, quando terminarem todos os males, e puder se saciar de todos os bens”. (AGOSTINHO. 1984, p. 406).

O pensamento de Agostinho mostra-nos a possibilidade de uma vida feliz agora no presente através de uma vida virtuosa, o que nos lembra o pensamento socrático e estóico do que é a felicidade. No entanto, o que parecia-nos contraditório no parágrafo precedente torna-se claro agora pelo fato de que a felicidade gozada agora não é a plenitude da vida feliz, pois essa só será completa na eternidade, quando estivermos a desfrutar da imortalidade. Também não poderá ter vida feliz aquele que com a morte deixa de ter vida. “Assim, de forma alguma, poderá ser deveras feliz a vida que não for imortal.” [[19]](#footnote-19)

**A Felicidade na obra Confissões**

As Confissões foram escritas provavelmente entre 397 e 398 d.C. É composta pela autobiografia de Santo Agostinho e repleta de elementos filosóficos como a moral, o livre-arbítrio e a felicidade, na qual nos deteremos aqui.

 Na obra em questão Agostinho nos fala de uma recordação da felicidade e que essa recordação é possível porque nos faz lembrar da alegria que já experimentamos, e essa alegria é a felicidade[[20]](#footnote-20) que, por sua vez, é intrísseca ao homem e quando buscada fora de si mesmo encontra o vazio[[21]](#footnote-21). Agostinho fala-nos ainda de uma felicidade possuída na esperança[[22]](#footnote-22).

 Nas confissões, Agostinho ainda insiste no encontro com Deus como motivo para se chegar a vida feliz[[23]](#footnote-23). Um dado importante é que assim como A vida feliz expunha a necessidade de ser sábio para ser feliz, nas Confissões é exposta a necessidade de se buscar a verdade[[24]](#footnote-24).

**Conclusão:**

A verdadeira e plena felicidade implica na posse da sabedoria, verdade, Deus, tendo como ponto de partida a própria interioridade do homem, e o mesmo não poderá ser feliz buscando essa felicidade fora de si.

 Os bens temporais não devem ser desprezados, mas a posse deles deve exercitar-nos na vivência das virtudes em uma perpectiva da busca pela imortalidade, a qual nos concederá a posse plena da felicidade que agora possuímos por meio da esperança. A verdadeira e plena Vida Feliz nada mais é do que viver “em”, e “por” Deus, como posse amorosa[[25]](#footnote-25).

**Referências:**

AGOSTINHO, Santo. A Trindade, São Paulo: Paulus, 1984.

AGOSTINHO, Santo. Confissões, São Paulo: Paulus, 1984.

AGOSTINHO, Santo. A Vida Feliz, São Paulo: Paulus, 1998.

AUDI, Robert. Dicionário de Filosofia de cambridge, São Paulo: Paulus, 2006.

 Aristóteles, Ética a Nicômaco 1.12.8.

ISHARA, Roberto. FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO, 2007.

1. Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia da UFC. [↑](#footnote-ref-1)
2. Aristóteles, Ética a Nicômaco 1.12.8. [↑](#footnote-ref-2)
3. AGOSTINHO, Santo. A Trindade, São Paulo: Paulus, 1984, p. 400-402. [↑](#footnote-ref-3)
4. AUDI, Robert. Dicionário de Filosofia de cambridge, São Paulo: Paulus, 2006, p.308. [↑](#footnote-ref-4)
5. AGOSTINHO, Santo. Confissões, São Paulo: Paulus, 1984, p. 289. [↑](#footnote-ref-5)
6. AGOSTINHO, Santo. A Trindade, São Paulo: Paulus, 1984, p. 673. [↑](#footnote-ref-6)
7. AUDI, Robert. Dicionário de Filosofia de cambridge, São Paulo: Paulus, 2006, p.267. [↑](#footnote-ref-7)
8. AGOSTINHO, Santo. A Trindade, São Paulo: Paulus, 1984, p. 673. [↑](#footnote-ref-8)
9. AGOSTINHO, Santo. A Vida Feliz, São Paulo: Paulus, 1998, p. 127-128. [↑](#footnote-ref-9)
10. Idem, p. 128-129. [↑](#footnote-ref-10)
11. ibidem, p. 131. [↑](#footnote-ref-11)
12. AGOSTINHO, Santo. A Vida Feliz, São Paulo: Paulus, 1998, p. 155. [↑](#footnote-ref-12)
13. idem, 1998, p. 156-157. [↑](#footnote-ref-13)
14. AGOSTINHO, Santo. A Trindade, São Paulo: Paulus, 1984, p. 400. [↑](#footnote-ref-14)
15. idem, p. 402-404. [↑](#footnote-ref-15)
16. ibidem, p. 403. [↑](#footnote-ref-16)
17. ibidem, p. 404. [↑](#footnote-ref-17)
18. ibidem, p. 405. [↑](#footnote-ref-18)
19. AGOSTINHO, Santo. A Trindade, São Paulo: Paulus, 1984, p. 411. [↑](#footnote-ref-19)
20. AGOSTINHO, Santo. Confissões, São Paulo: Paulus, 1984, p. 291. [↑](#footnote-ref-20)
21. idem, p. 239. [↑](#footnote-ref-21)
22. 22 ibidem, p. 288. [↑](#footnote-ref-22)
23. ibidem, p. 291. [↑](#footnote-ref-23)
24. ibidem, p. 293. [↑](#footnote-ref-24)
25. ISHARA, Roberto. FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO, 2007, p. 15. [↑](#footnote-ref-25)